

O aprendiz de Dom Quixote: uma página sobre Miguel de Unamuno no diário íntimo de Alcides Arguedas

Cláudio Diniz¹

1. No texto a seguir, gostaríamos de apresentar uma página importante do diário íntimo² de Alcides Arguedas (1879-1946). Nesse documento, o escritor boliviano relata um encontro, em Paris, com o filósofo Miguel de Unamuno (1864-1936). No diário íntimo de Arguedas, escrito entre 1900 e 1943, existem muitas referências ao filósofo basco. Arguedas e Unamuno trocaram correspondências e se encontraram algumas vezes. De modo que, aquilo que inicialmente se caracterizava como devoção intelectual do boliviano, com o passar dos anos, transformou-se em sólida amizade.

O documento que apresentamos é datado de um sábado, último dia do mês de janeiro de 1925. Miguel de Unamuno encontrava-se exilado em Paris pela ditadura de Primo Rivera (1923-1930) e Alcides Arguedas servia de cônsul geral da Bolívia na mesma cidade. O documento é emblemático porque oferece pistas a respeito da construção do sentido melancólico ou do deslocamento nas obras de Alcides Arguedas e Miguel de Unamuno.

2. Alcides Arguedas foi um diplomata, historiador e político boliviano. Sua obra, dividida em artigos para periódicos, livros de história, romances e um longo diário íntimo, é das mais influentes para o pensamento social boliviano na primeira metade do século XX. Pode-se dizer que, em tudo aquilo que escreveu, Arguedas manteve o tom desesperançado e melancólico. Seu livro mais conhecido, *Pueblo enfermo*, traz o selo do enfermo ou patológico como marca indelével.³ O racismo e o pessimismo de Arguedas são bem expressos no argumento de que “tudo é imenso na Bolívia, tudo, menos o homem.”⁴

¹ Doutor em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHIS-UFRJ). claudio_diniz@ymail.com

² ARGUEDAS, Alcides. *Diário* (1900-1946). t. I a XIV. Sucre: Biblioteca y Archivo Nacionales de Bolivia, 1998.

³ Ver: DINIZ, Cláudio. *Dos diários de Alcides Arguedas: uma concepção melancólica da história e da vida*. Tomo I. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2012.

⁴ ARGUEDAS, Alcides. *Pueblo enfermo*. La Paz: Ediciones Puerta del Sol, 1936, p. 99.

De qualquer modo, desde os tempos de estudante de Direito na *Universidad Mayor de San Andrés*, em La Paz, Alcides Arguedas carregava um olhar melancólico ou saturnino nas observações que tecia a respeito de questões como nação, raça e identidade. Tudo isso, sem dúvida, acompanhado de um julgamento também melancólico sobre si. O diário íntimo revela que o deslocamento era uma condição quase permanente do caráter de Alcides Arguedas. No entanto, o contorno pessimista de sua obra, como marca de estilo, foi delineado somente após o contato com as obras de regeneracionistas como Ramiro de Maeztu, Macías Picavea, Ramón del Valle-Inclán e Miguel de Unamuno.

3. Miguel de Unamuno y Jugo foi um importante ensaísta, romancista, dramaturgo, poeta e político espanhol. Unamuno foi um expoente da dita “Geração de 98” e do “Regeneracionismo”. Ambas as correntes professavam um juízo pessimista sobre a nação e o povo espanhol. A diferença reside no fato de que a “Geração de 98” demonstrava-o de forma “poética”, enquanto os regeneracionistas faziam-no de modo “científico”. Os regeneracionistas, inspirados por Joaquín Costa, acreditavam que males como falta de patriotismo, de auto-estima e o menosprezo pela tradição intelectual e cultural espanhola, poderiam ser solucionados através do processo educativo. Para tanto, uma forte intervenção do Estado era condição aceitável. O problema foi que os plenos poderes dados a um “cirujano de

hierro” terminou por descambar em ditaduras violentas como as de Primo Rivera (1923-1930) e de Francisco Franco (1939-1976).

Não parece razoável filiar a obra de Unamuno a qualquer tendência porque o autor negava todo sistema filosófico. Contudo, não se poderá negar sua presença no contexto do ideário regeneracionista e ou deixar de situar suas reflexões filosóficas nas proximidades do existencialismo cristão. A narrativa autobiográfica, lúcida e carregada de romantismo, ácida no julgamento moral e doce na transcendência, revela sua grande erudição e as bases teóricas de seu discurso.

Unamuno foi um trabalhador incansável e disciplinado. Sua obra espalha-se por livros e artigos de jornais e revistas de muitos países além da Espanha. Somam-se a isso uma incessante atividade política e as gestões da universidade de Salamanca.⁵ Alguém já teria assinalado, ao modo de Taine ou Buckle, o caráter basco como influência no rigor disciplinar de Miguel de Unamuno. O clima adverso, literal e metafórico, da pátria basca, conduz os homens a buscar refúgio em espaços fechados e em livros “que os defendam”.⁶ Já não se pode concordar com a hipótese geográfica, mas é certo que o regeneracionismo espanhol surgiu nos países

⁵ Ver: SAVATER, Fernando. Miguel de Unamuno: a ascensão eterna. In: UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

⁶ BENTO, José. *Epistolário ibérico*. Cartas de Unamuno e Pascoaes. Lisboa: Assirio & Alvim, 1986, p. 9.

basco e, Miguel de Unamuno, foi seu principal expoente.

O regeneracionismo de Miguel de Unamuno advogava a reflexão de que a sociedade poderia ser curada mediante a liberdade de pensamento. A postura crítica de Unamuno em relação à monarquia de Afonso XIII e ao governo autoritário de Primo Rivera, cobrou-lhe um preço alto, desde o exílio e destituição de cargos até a prisão domiciliar nos dois últimos anos de sua vida. A figura tragicômica do velho cavaleiro de armadura enferrujada, montado num pangaré de tiro, representa a extensão do pensamento de Unamuno. A alma do povo espanhol e, de todos que partilham dessa cultura (“sangue do espírito”), encontra a alma do Quixote em si mesmo. O legado do quixotismo em Unamuno foi “toda a esperança no absurdo racional.”⁷

4. Miguel de Unamuno e Alcides Arguedas se conheceram após o lançamento de *Pueblo enfermo*. Arguedas enviou uma cópia a Unamuno e este chegou a publicar dois ou três artigos na imprensa argentina a respeito da obra. Naquele ano de 1909, iniciava-se uma correspondência que duraria até a morte do filósofo basco em 1936. Nessa troca de correspondências e nos encontros que tiveram em Salamanca ou em Paris foi que Arguedas aprofundou seu conhecimento da obra de Unamuno. É forçoso reconhecer que Arguedas compreendia o lado mais conservador da

obra de Unamuno e, evidentemente, descartava o espírito rebelde do mestre de Salamanca. Nesse sentido, concordamos com Juan Albarracín Millán na afirmação de que à falta de afinidade ideológica entre Alcides Arguedas e Miguel de Unamuno, correspondia a coincidência de posições críticas.⁸

Em janeiro de 1924, Alcides Arguedas sentia-se tão deslocado em Paris como em qualquer lugar onde estivesse. Miguel de Unamuno acabara de chegar à capital francesa deslocado pelo exílio. A tinta da melancolia agora era mais evidente nos dois escritores. Entre idas e vindas, de 1924 a 1930, ano em que Unamuno retorna à Espanha, os dois amigos puderam estreitar esse laço. Na verdade, a contribuição intelectual de Unamuno para Arguedas foi bem mais substancial do que a recíproca. Numa carta datada de abril de 1924, Miguel de Unamuno reconhecia a triste história comum da Bolívia e da Espanha. “Quando me dou conta de Melgarejo! Primo de Rivera lhe é inferior. (...) Estamos sob o mando de soldadotes dementes, bêbados, jogadores, sifilíticos e cretinos.”⁹ Como se vê, o tom do discurso de Miguel de Unamuno consagrava a tópica pessimista na Europa e na América. De modo que a página do diário que transcrevemos a seguir é especialmente importante para entendimento da comu-

⁷ UNAMUNO, Miguel de. Op. cit., p. 300.

⁸ MILLÁN, Juan Albarracín. *Arguedas: la conciencia crítica de una época*. La Paz: Réplica, 1979, p. 243.

⁹ Miguel de Unamuno a Alcides Arguedas. Paris, 09.04.1924. In: CRESPO, Alberto (org.). *Epistolário de Alcides Arguedas: la generación de la amargura*. La Paz: Fundación Manuel Vicente Ballivián, 1979, p. 321.

nhão de ideias entre Alcides Arguedas e Miguel de Unamuno.

5. Transcrição livre das anotações no *Diário* de Alcides Arguedas no dia 31 de Janeiro de 1925:

“Cada vez que hablo con Don Miguel de Unamuno, tenido en el mundo y considerado como un pensador original, un sabio lleno de lecturas y de filosofías, un poeta penetrante y enjundioso. Su fama es grande. Su espíritu es fuerte. Pues bien, este hombre, este pensador, este filosofo, este poeta, no tiene sino una preocupación tenaz, fija, obsesionante, angustiosa: hacer la revolución en España; acabar, de cualquier manera, con el rey, con Primo de Rivera, con Anido y con todos los que hoy subyugan a España. Dice él no importarle su persona; asegura y promete preocuparse únicamente del aspecto constitucional de la cuestión; insiste en su amor a la patria y sus instituciones libres; pero, en el fondo, en sus palabras, en su actitud, es el hombre herido en su amor propio, herido en sus afecciones, lesionado en sus intereses, que aparece. Es, para decirlo de una vez, el proscrito que habla. Pero don Miguel de Unamuno solo hace unos meses que se halla desterrado; proscrito y sin sueldo. Además, con su pluma, gana su vida y puede pasar más o menos bien, porque colabora en periódicos de Alemania, de Portugal, de la Argentina y creo que de México. Tiene, entonces, los recursos necesarios para no conocer ni hambre, ni miseria.

Y don Miguel sufre porque no puede volver a la patria, o no quiere; rabia de los hombres; trina contra sus perseguidores, maldice los destinos y solo anhela la revolución, es decir, sangre... De otras gentes sé yo, pobres, desconocidos, ignorados, sin nombre y sin recursos. Que mendigan desde hace más de dos años el duro pan de la miseria en tierras extrañas, arrojadas de la suya por un revolucionario letrado y autor de libros. Y esas gentes, enfermas de rencor y odio, solo piensan en matar... ¿Qué extraño, pues, que vivan miserables y maldicientes? Un educador de príncipes y soberanos, político profundo y acabado escudriñador de corazón humano, Maquiavelo, tiene algunas reflexiones que los políticos y gobernantes debieran gravárselas profundamente en la memoria.

Qué aquellos que gobiernan se persuadan que no deben nunca estimar bastante o poco a un hombre para creer que impunemente podrían colmarle de injurias y ultrajes y que ese hombre dejara de perseguir su venganza aun con peligro de su vida.

Yo creo que una de las reglas de la prudencia humana, es abstenerse de injuriar o amenazar a quien quiera que sea. Ni la amenaza ni la injuria debilitan a un enemigo, porque más bien la una lo obliga a vivir alerta y la otra no hace sino aumentar su odio y volverlo más industrioso en los medios de hacer daño.

Para ser obedecido hay que saber mandar.

Atraerse el odio sin esperanza de cosechar ninguna ventaja, es estar guiado por la temeridad y la imprudencia” – traduce el traductor francés; pero yo creo que diría Maquiavelo, - por la estupidez. Por que en verdad se necesita ser estúpido de nacimiento para, el dejándose por el encono, perseguir, ensañarse el adversario que después ya nunca sentirá compasión por su verdugo y que se preocupará únicamente de hacerle mal...”¹⁰

Referências bibliográficas

ARGUEDAS, Alcides. *Diário* (1900-1946). t. I a XIV. Sucre: Biblioteca y Archivo Nacionales de Bolivia, 1998.

_____. *Pueblo enfermo*. La Paz: Ediciones Puerta del Sol, 1936.

BENTO, José. *Epistolário ibérico*. Cartas de Unamuno e Pascoaes. Lisboa: Assirio & Alvim, 1986.

BLANCO, Manuel García. *América y Unamuno*. Madrid: Editorial Gredos, 1964.

CRESPO, Alberto (org.). *Epistolário de Alcides Arguedas*: la generación de la amargura. La Paz: Fundación Manuel Vicente Ballivián, 1979.

DINIZ, Cláudio. *Dos diários de Alcides Arguedas: uma concepção melancólica da história e da vida*. Tomo I. Rio de Janeiro: PPGHIS/UFRJ, 2012.

KLEIN, Herbert S. *A concise history of Bolivia*. New York: Cambridge University Press, 2003.

KLIBANSKY, Raymond; PANOFSKY, Erwin; SAXL, Fritz. *Saturno y la melancolia: estudios de historia de la filosofía de la naturaleza, la religión y el arte*. Madrid: Alianza Editorial, 2004.

MILLÁN, Juan Albarracín. *Arguedas: la conciencia crítica de una época*. La Paz: Réplica, 1979.

REYES, Evelyn Rios. *Historia oral de Bolivia*. La Paz: Plural Editores, 2003.

UNAMUNO, Miguel de. *Do sentimento trágico da vida nos homens e nos povos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Americanidad*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 2002.

¹⁰ Biblioteca Nacional de Bolivia. Diario de Alcides Arguedas. Tomo IIA. (nota del 24 de marzo de 1940; La Paz, enero 2 de 1919 – Couilly, diciembre 21 de 1928). Paris, 31.01.1925, p. 186.